



Thiago Bernardino de Carvalho

é pesquisador da área de Pecuária do Cepea. Mensagens para cepea@usp.br

Colaborou:

Alessandra da Paz
Gestora da Equipe de Comunicação do Cepea

Lições da crise de 2017 para análise da atual

Os impactos do coronavírus sobre o mercado pecuário nacional, pelo menos até abril, ocorreram de forma menos intensa do que no de outros produtos agropecuários, como algodão e hortifrúteis. Ainda assim, o contexto atual exige forte cautela e gestão por parte de todos os envolvidos na cadeia. De um modo geral, a pecuária nacional não deve fazer comparações, mas pode se fundamentar e aprender com a crise atravessada pelo setor em 2017.

Claro, o cenário atual é bem distinto do enfrentado naquele ano: as incertezas de agora são grandes em termos globais e as possíveis retrações econômicas, sem precedentes. O ano de 2017 registrou dois momentos que abalaram o mercado pecuário. O primeiro foi a “Operação Carne Fraca”, deflagrada pela Polícia Federal em meados de março, envolvendo a investigação de indústrias do setor. A notícia travou o mercado, pois importantes importadores da carne bovina nacional começaram a embargar a proteína brasileira.

Esse cenário fez com que representantes de frigoríficos suspendessem as aquisições de novos lotes para abate e/ou pressionassem com força para baixo os valores de compra de animais. Entre meados de março e início de abril de 2017, a queda no preço da arroba chegou a 8%. Pecuáristas, por sua vez, postergaram as negociações. Vale ressaltar que a oferta de animais em 2017 frente à demanda era bem maior que a verificada atualmente e aquele era um momento de final de safra, conseqüentemente, de aumento no número de animais prontos para abate.

O susto, felizmente, foi curto. Países acabaram suspendendo os embargos impostos já em março e o mercado pecuário nacional iniciou um movimento de recuperação na segunda quinzena de abril. Porém, em maio, veio outro grande abalo, as delações premiadas da maior indústria frigorífica brasileira. De novo, observou-se forte redução na compra de animais, principalmente por parte desse grande player, e interrupção do movimento de recuperação dos preços que vinha ocorrendo desde meados de abril.

Menos animais confinados

Tudo isso ocorreu justamente no período de decisão sobre a quantidade de animais a confinar e os pecuaristas se viram desestimulados. Cautelosos, muitos deles deixaram de fechar seus animais a partir de maio/junho, limitando a oferta entre agosto e setembro. O resultado foi uma intensa alta de preços da arroba no final de julho, com os valores atingindo o pico em setembro.

Voltando para 2020, o fato é que o momento atual é

bastante delicado para se fazer previsões. Observando o passado, arrisca-se a indicar que, possivelmente, poderá ocorrer, neste ano, uma forte redução no volume de animais confinados nas próximas semanas e meses. Em 2020, aliás, além da pandemia de coronavírus, os preços dos animais para reposição atingiram patamares recordes reais, em muitas regiões, e os preços do milho e do farelo estão elevados. Alguns insumos importados encareceram significativamente nos últimos meses, em decorrência do alto patamar do dólar.

Diante disso, é possível que o segundo semestre seja marcado por baixa oferta de animais, mas isso também não quer dizer que os preços dos animais irão subir como em 2017. Isso porque a demanda doméstica pode registrar forte retração – muitos consumidores podem se deslocar para proteínas mais baratas, como carne de frango e ovos. Além de a carcaça casada do boi já estar em alto patamar desde o último trimestre do ano passado, quando atingiu preço recorde real da série do Cepea, o poder aquisitivo da população tende a cair, diante das possíveis maiores taxas de desemprego e da crise econômica.

Válvula de escape

Ainda que o mercado interno seja destino de 75% da carne brasileira, a demanda externa pode ser nossa “válvula de escape”. Mesmo com a pandemia do coronavírus, que atuou com mais força na China entre o final do ano passado e o início de 2020, o país asiático, que é o principal destino da carne brasileira, seguiu demandando elevadas quantidades da proteína bovina no primeiro trimestre, favorecendo os embarques totais brasileiros do produto.

Considerando-se todos os destinos, os volumes de carne in natura embarcados em março e também no primeiro trimestre deste ano foram recordes para os respectivos períodos. Esse cenário, atrelado ao dólar elevado, garantiu receita mensal com as exportações de carne bovina acima de R\$ 2 bilhões nos três primeiros meses deste ano.

Agora, resta saber a reação dos demais mercados compradores diante da pandemia e também o resultado dos fechamentos de algumas fronteiras. A Europa está entre os 10 maiores destinos da carne bovina brasileira e a crise pela qual está passando deverá reduzir as aquisições do produto. O Irã, outro importante comprador da carne, também mostra dificuldades em conter a pandemia, cenário que também pode trazer resultados negativos em termos de demanda doméstica. ■